



Sindjus

Filiado a

**Impresso
Especial**

1000014810-DR/BSB
Sindjus-DF

/// CORREIOS ///

Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário
e do Ministério Público da União no DF

Ano XV - Nº 36 - Dezembro de 2006

EM 2007 DESEJAMOS

JUSTIÇA

**PARA
QUEM
NELA
TRABALHA**

**PARA
QUEM
DELA
PRECISA**



SINDJUS-DF

**PCS - as tabelas
da nossa vitória**
Págs. 5 a 11

**Cuidados com a
síndrome do pânico**
Págs. 14 e 15

**A posse dos
novos delegados**
Pág. 22 e 23



Nas pequenas coisas, a grande conquista coletiva;
nas pequenas atitudes, a grande raiz do compromisso;
nas pequenas decisões, a grande base da mobilização:
em 2007 vamos confirmar nosso caminho de conquistas.

Fortalecer nosso Sindicato na construção permanente de
idéias e atitudes, conscientes da importância de cada passo
em pequenas e grandes realizações, unidos sempre pelo
valor de lutarmos juntos para que todos sejam melhores.

O exemplo de cidadania do menino morador de Nova Olinda, sertão do Ceará, pequeno músico da Fundação Homem do Kariri, que respeitou seu lugar e sua comunidade, ao procurar uma lata para jogar seu lixo.



SDS Ed. Venâncio V Bl. R
Salas 108 a 114
CEP 70393-900 – Brasília – DF
PABX (61) 3224 - 9392
www.sindjusdf.org.br

Coordenadores gerais
Ana Paula Barbosa Cusinato (MPDFT)
Roberto Policarpo Fagundes (TRT)
Wilson Batista de Araújo (TRE/DF)

**Coordenadores de Administração
e Finanças**
Berilo José Leão Neto (STJ)
Cledo de Oliveira Vieira (TRT)
Jailton Manguiera de Assis (TJDF)

**Coordenadores de Assuntos
Jurídicos e Trabalhistas**
Eliza de Sousa Santos Ávila (STF)
José Oliveira Silva (TJDF)
Newton José Cunha Brum (TST)

**Coordenadores de Formação
e Relações Sindicais**
Carlos Alberto de Araújo Costa (TJDF)
Eliane do Socorro Alves da Silva (TRF)
Raimundo Nonato da Silva (STM)

**Coordenadores de Comunicação,
Cultura e Lazer**
Orlando Noletto Costa (TSE)
Sheila Tinoco Oliveira Fonseca (TJDF)
Valdir Nunes Ferreira (MPF)

Redator responsável
TT Catalão
Reg. Prof. 685-DF

Assistente
Cynthia de Lacerda Borges

Textos
Hylda Cavalcanti
Daniel Campos

Fotos
Júlio Fernandes

Projeto Gráfico
EXTREMA
3033-5255

Tiragem
10.000 exemplares

Felicidade, sucesso e luta!

Final de ano é época de balanço. É tempo de analisar resultados, repensar estratégias e traçar novos projetos. Em uma rápida retrospectiva, o ano de 2006 simbolizou perfeitamente à máxima “a cada dia, uma nova conquista”. Foram muitas lutas. Seja a luta pela incorporação dos quintos aos salários dos servidores que tinham direito a esse benefício. Seja a luta pela redução da jornada de trabalho em vários tribunais. Seja a luta contra o nepotismo. Seja a luta para transformar os Planos de Cargos e Salários (PCS) dos servidores do Judiciário e do MPU em realidade.

Em março, uma resolução do Conselho Nacional de Justiça proibiu o nepotismo no Judiciário. O mesmo conselho, também em março, considerou legal a fixação da jornada de trabalho dos servidores do Judiciário, entre o mínimo de 6 e o máximo de 8 horas diárias. No mesmo mês, tivemos a vitória dos quintos no Supremo Tribunal de Justiça (STJ).

Depois de tantas conquistas, restava a mais especial de todas elas – os PCSs. Mas para essa conquista foi preciso muito suor, muito esforço, muita força de vontade e a retomada de um velho slogan “PCS já ou a justiça vai parar!”. E os servidores, confiantes em seu sindicato, cumpriram uma intensa agenda de mobilizações, com direito a paralisações, passeatas, piquetes, greves, idas ao Congresso Nacional, campanha de e-mails.

Quanto suor foi derramado para conseguirmos aprovar os PCSs do Judiciário e do MPU na Câmara e no Senado, em setembro? Quantas horas foram dedicadas para aprovarmos os PLNs 11 e 12, que garantiram a verba para os nossos Planos? Quanta vigília até a noite do dia 15 de dezembro, quando o presidente Lula transformou o nosso sonho em lei? Quantas as lágrimas, os gritos de felicidade, os sorrisos, enfim, quantos sentimentos se misturaram diante dos PCSs publicados no Diário Oficial? Por tudo isso, lutas como essa não tem preço.

Mas antes desse grito final, a categoria pode comemorar outros momentos especiais como a premiação do concurso “Novas Idéias para a Justiça” com show de Rosa Passos; os 16 anos do Sindjus com show do Cidade Negra; as melhorias feitas no Clube do Servidor, o CEFIS, inclusive com convites via internet; a eleição da nova diretoria e do novo Conselho de Delegados Sindicais de Base e um ano repleto de conquistas na já tradicional festa de final de ano do sindicato, com a banda Jota Quest.

Depois de reviver alguns momentos de 2006, podemos ter a certeza de que tivemos muitas lutas e conquistas, e devemos aprender com cada situação vivida. Pode existir alegria maior do que a realização de um sonho, do que a conquista daquilo que tão intensamente se desejou e, finalmente, conseguiu-se obter? Devemos comemorar não só a vitória final, mas todo o sonho, todo o processo que nos levou até ela. Devemos comemorar o fato de termos lutado juntos, não nos sentindo derrotado diante de tantos obstáculos e adversidades que surgiram em nosso caminho.

Neste último boletim do ano, mais importante do que fazer um balanço de 2006 é olhar para 2007. Devemos, desde já, preparar-nos para superar os novos desafios e construir um ano ainda melhor em todos os quesitos, como condição de trabalho, formação profissional e relação com o sindicato. Felicidade, sucesso e luta. Porque o que é a vida senão uma eterna luta?



José Geraldo de Souza Junior
Professor e ex-diretor da Faculdade de Direito da UnB,
coordena o Projeto “O Direito Achado na Rua”

O Direito como liberdade e consciência

Concluí meu ensaio no último número desta coluna, no qual tratei de “O Direito Achado na Rua”, aludindo, depois de a caracterizar muito sucintamente, a uma concepção de Direito que emerge, transformadora, dos espaços públicos — a rua — onde se dá a formação de sociabilidades reinventadas que permitem abrir a consciência de novos sujeitos para uma cultura de cidadania e de participação democrática.

Tinha em mente, nesta consideração, não apenas responder a uma questão concreta — a restrição a amplos segmentos sociais de excluídos da cidadania do acesso ao direito republicano de se instalar e de se expressar nos espaços da cidade — mas, também, o de refu-

tar uma interpretação hostil a “O Direito Achado na Rua”, apoiada numa leitura equivocada que o vê “transformar-se em fundamento teórico de um direito futuro, conquistado pelos movimentos sociais em benefício dos deserdados da fortuna ou vitimados pelo sistema econômico” em razão de uma concepção de homem que “reduz as possibilidades de uma transformação jurídica a favor do homem na sua integralidade, desconsiderando-o como valor transcendente e espiritual, gerando o risco dialético da continuação do conflito e não da sua solução pelo direito” (Ronaldo Rebello de Britto Poletti, O Direito Achado na Rua, Revista Jurídica Consulex, nº 215, dezembro/2005; Humanismo Menor no Direito Achado na Rua, Revista Jurídica Consulex, nº 216, janeiro/2006).

Com efeito, tanto na afirmação de “O Direito Achado na Rua”, quanto na crítica que se lhe opõe, está em causa a questão do humanismo. Mas não há um humanismo, senão muitos humanismos, tanto que esta expressão pode aplicar-se, perdendo em precisão, a quase todas as concepções modernas e contemporâneas, desde o Renascimento. Assim, o que ressalta da crítica é antes uma objeção ideológica, centrada num transcendentalismo fundamentalista, que invocando um homem universal

metafísico (o homem como valor em si mesmo e criação original), faz objeção à experiência de humanização que se realiza na história, como emancipação consciente inscrita na práxis libertária.

Trata-se de um fundamentalismo fechado ao diálogo (“As proposições do ‘Direito Achado na Rua’ são marxistas. O homem representa o único sentido e realidade da história. Produz a si próprio em uma dialética com a natureza”), recalcitrante às formas de alteridade que forjam a consciência e a liberdade, como lembra Marilena Chauí (A Filosofia como vocação para a liberdade, Estudos Avançados nº 49, USP, Instituto de Estudos Avançados, São Paulo, 2003).

O humanismo de O Direito Achado na Rua, conforme salienta o Professor Roberto Lyra Filho, formulador de seus princípios, longe de se constituir numa idolatria do homem por si mesmo, procura restituir a confiança de seu poder em quebrar as algemas que o aprisionam nas opressões e espoliações que o alienam na História, para se fazer sujeito ativo, capaz de transformar o seu destino e conduzir a sua própria experiência na direção de novos espaços libertadores (O que é Direito, Brasiliense, São Paulo, 1982; Humanismo Dialético, Direito e Avesso, nº 3, Brasília, 1983; Desordem e Processo, SAFE, Porto Alegre, 1986).

Mas a liberdade, ele acrescenta, “não é um dom; é tarefa, que se realiza na História, porque não nos libertamos isoladamente, mas em conjunto”. E se ela não existe em si, o Direito é comumente a sua expressão, porque ele é a sua afirmação histórico-social “que acompanha a conscientização de liberdades antes não pensadas (como em nosso tempo, a das mulheres e das minorias eróticas) e de contradições entre as liberdades estabelecidas (como a liberdade contratual, que as desigualdades sociais tornam ilusória e que, para buscar o caminho de sua realização, tem de estabelecer a desigualdade, com vista a nivelar os socialmente desfavorecidos, enquanto ainda existam”.

Por esta razão, segundo Roberto Lyra Filho, sem nenhuma contradição com a possibilidade de “autotranscendência do mundo”, ou de “ultrapassagem imanente”, “o Direito não é; ele se faz, nesse processo histórico de libertação — enquanto desvenda progressivamente os impedimentos da liberdade não lesiva aos demais. Nasce na rua, no clamor dos espoliados e oprimidos”, até se consumir, pela mediação dos Direitos Humanos, na “enunciação dos princípios de uma legítima organização social da liberdade”.

Aí reside o humanismo de “O Direito Achado na Rua”.

A liberdade não é um dom; é tarefa, que se realiza na História, porque não nos libertamos isoladamente, mas em conjunto.

VITÓRIA DOS SERVIDORES

Depois de muita luta e dezenas de atos, passeatas, paralisações, piquetes, vigílias e, de uma greve de 44 dias, os projetos que reestruturaram os Planos de Cargos Salários do Judiciário Federal e do Ministério Público da União no Distrito Federal foram sancionados pelo presidente Lula, que assinou as novas leis na noite da sexta-feira (15/12), e publicados no Diário Oficial, em edição-extra do mesmo dia.

O Plano dos servidores do MPU se transformou na lei nº 11.415 e o do Judiciário, na lei nº 11.416. (confira no box), transformando em realidade a valorização de trabalhadores que

cumprem seu papel de servir à nação brasileira, construindo, diariamente, as bases de uma justiça mais justa.

Para o Sindjus, a sanção dos projetos deve ser comemorada, e muito, porque simboliza uma vitória histórica para uma categoria que ao longo desse processo deu provas de sua combatividade e, em momento algum, esmoreceu. Uma vitória de uma categoria que acreditou em sua força, posto que essa vitória confirma toda mobilização e luta contida nessa conquista.

Os projetos tiveram vetos? Tiveram. Mas são vetos parciais que não prejudicam o todo de um

sonho coletivo. Além do mais, as lutas continuam. Seja a luta para reverter os vetos no Congresso Nacional, seja a luta pela regulamentação dos nossos Planos.

O importante é que somos vencedores. E como cantou a banda mineira Jota Quest em nossa festa de final de ano que reuniu mais de 15 mil pessoas na noite de oito de dezembro. “vivemos esperando dias melhores”. E agora a categoria pode comemorar porque esses “dias melhores” chegaram. Essa vitória é de todos os que lutaram, que se esforçaram e se dedicaram a um projeto coletivo que coroa o final deste ano e nos motiva a lutar ainda mais.

Mas também não podemos cruzar os braços e achar que esses “dias melhores” serão para sempre. Em 2007, novos desafios nos esperam. Pode ter a certeza de que será um ano de muita luta. Luta por melhores condições de trabalho, saúde e formação para os servidores públicos do Judiciário e do MPU no Distrito Federal.

Nesses momentos de comemoração, nossa união tem que ser reforçada. Precisamos continuar juntos para assegurarmos essas conquistas e colecionar outras vitórias.

Parabéns servidor, o Sindjus tem orgulho da categoria que representa.

LEI No- 11.416, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006

Dispõe sobre as Carreiras dos Servidores do Poder Judiciário da União; revoga as Leis nos 9.421, de 24 de dezembro de 1996, 10.475, de 27 de junho de 2002, 10.417, de 5 de abril de 2002, e 10.944, de 16 de setembro de 2004; e dá outras providências.

LEI No- 11.415, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2006

Dispõe sobre as Carreiras dos Servidores do Ministério Público da União, fixa os valores de sua remuneração; revoga a Lei no 9.953, de 4 de janeiro de 2000, e a Lei no 10.476, de 27 de junho de 2002, e dá outras providências.

Avaliação dos Vetos Parciais aos PCSs do Judiciário e do MPU

Confira abaixo a avaliação sobre os vetos aos PCSs do Poder Judiciário e do Ministério Público da União. Na página 142 do Diário Oficial de 15 de dezembro, em Despachos do Presidente da República, as mensagens nº 1.140 e 1.141 trazem as justificativas do presidente para os três vetos parciais. Vale ressaltar que veto parcial é aquele que recai sobre parte do projeto podendo atingir um artigo, um inciso ou uma alínea, como visto.

ADICIONAL DE QUALIFICAÇÃO

Este veto só diz respeito ao PCS do Judiciário. O adicional de qualificação do MPU além de ter seguido com o texto original da comissão interdisciplinar, da qual o Sindjus fez parte, não provoca maiores impactos no orçamento, uma vez que o MPU não tem a função de auxiliar.

Veto: Ao artigo que tra-

ta do adicional de qualificação de 5% para os Técnicos e auxiliares do Judiciário portadores de diploma de curso superior.

Justificativa: A alteração introduzida pelo Congresso Nacional não constava na proposição original, o que gerou aumento de despesa.

Avaliação: O veto surgiu depois da reunião realizada entre o STF e o Ministro do Planejamento no dia 28 de novembro, sob a alegação de que elevaria muitos os custos do projeto. Como uma gratificação de 5%, sobre o salário de mil auxiliares (isso em todo o País) iria gerar um custo de 300 milhões? Não houve por parte do STF uma análise

se real da situação.

Importante: Continua valendo, para analistas, técnicos e auxiliares, o percentual de 7,5% do adicional de Especialização; 10% para o mestrado; 12,5% para doutorado. Nos cursos oferecidos pelos órgãos, os analistas, técnicos e auxiliares, receberão o percentual de até 3%.

ATIVIDADES EXCLUSIVAS DE ESTADO

Veto: Ao artigo que previa que os ocupantes dos cargos de provimento efetivo das Carreiras dos Quadros de Pessoal do Poder Judiciário e do Ministério Público exercessem atividades exclusivas de Estado.

Justificativa: A expressão 'atividade exclusiva de Estado' são relativas a

regulamentação, fiscalização e fomento, atividades exercidas somente por diplomatas, fiscais, administradores civis, procuradores e policiais.

Avaliação: Embora esse veto não seja o mais importante, sua justificativa é falha no aspecto que os servidores do Judiciário e

do MPU também participam de atividades relacionadas à atividade exclusiva de estado, no sentido de que são responsáveis pela manutenção da lei.

Importante: A intenção principal do Sindjus ao defender esse artigo era a de proteger as carreiras do Judiciário e do MPU contra a

ameaça do emprego público. Mas, recentemente, o STF ao julgar a ADIN 2135, já com 6 votos a favor da inconstitucionalidade da alteração do caput do artigo 39, entendeu que o Regime Jurídico tem que ser Único, não se permitindo a coexistência de cargo público e emprego público no mesmo quadro da administração pública.

PEDIDO DE RETIRADA DE VETO FOI EPISÓDIO CONSTRANGEDOR

Na publicação dos PCSs no Diário Oficial de 15 de dezembro, o artigo que tratava das reestruturações de funções e cargos comissionados, sem precisar passar pelo Congresso Nacional, também estava vetado. Mas em um episódio deprimente, duas das principais autoridades da justiça brasileira foram ao Executivo pedir a retirada de um veto ao item inconstitucional e conseguiram uma nova figura jurídica o "desveto".

Na noite do dia 17 de dezembro, um domingo, a presidente do Supremo Tribunal Federal, Ellen Gracie, e o procurador-Geral da República, Antonio Fernando Souza, foram pedir ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que retirasse o veto referente a transformação de funções comissionadas e cargos em comissão dos PCSs do Judiciário e do MPU de uma Lei que

já havia sido publicada. Em consequência, as Leis foram republicadas no Diário Oficial de 19 de dezembro, faltando somente esse veto.

Agora, se o Judiciário e o MPU tinham força para pedir que o governo revisse sua justificativa de veto, elaborada pela área técnica da Casa Civil, onde declarava que o texto era inconstitucional, posto que feria o artigo 48, inciso X, da Constituição, por que não se uniram para reverter o item referente ao adicional de qualificação para técnicos e auxiliares e a questão da atividade exclusiva de Estado (itens que permanecem vetados)?

Essa atitude vergonhosa demonstra que o Judiciário e o MPU pediram ou, no mínimo, concordam com os vetos aos outros itens que prejudicam a carreira dos servidores.

Parcelamento dos PCs

		ATUAL	1a. PARCELA			Aumento		2a. PARCELA
	PADRÃO	TOTAL	VB	GAJ	TOTAL	em R\$	em %	VB
A N A L I S T A	15	6.512,06	5.301,50	1.749,49	7.050,99	538,93	8,28%	5.593,72
	14	6.293,16	5.127,97	1.692,23	6.820,20	527,05	8,37%	5.415,05
	13	6.081,59	4.960,13	1.636,84	6.596,97	515,38	8,47%	5.242,11
	12	5.877,13	4.797,79	1.583,27	6.381,06	503,93	8,57%	5.074,71
	11	5.679,56	4.640,79	1.531,46	6.172,25	492,70	8,67%	4.912,69
	10	5.488,64	4.465,96	1.473,77	5.939,72	451,09	8,22%	4.709,89
	9	5.304,10	4.319,75	1.425,52	5.745,27	441,16	8,32%	4.559,42
	8	5.125,80	4.178,36	1.378,86	5.557,22	431,42	8,42%	4.413,80
	7	4.953,48	4.041,61	1.333,73	5.375,34	421,86	8,52%	4.272,84
	6	4.786,95	3.909,34	1.290,08	5.199,42	412,47	8,62%	4.136,41
	5	4.626,01	3.762,08	1.241,49	5.003,57	377,55	8,16%	3.965,69
	4	4.470,51	3.638,92	1.200,85	4.839,77	369,27	8,26%	3.839,00
	3	4.320,21	3.519,80	1.161,54	4.681,34	361,13	8,36%	3.716,37
	2	4.174,98	3.404,60	1.123,52	4.528,12	353,14	8,46%	3.597,68
	1	4.034,63	3.293,18	1.086,75	4.379,93	345,30	8,56%	3.482,80
T É C N I C O	15	3.898,97	3.185,40	1.051,18	4.236,58	337,61	8,66%	3.371,59
	14	3.767,91	3.081,18	1.016,79	4.097,96	330,06	8,76%	3.263,96
	13	3.641,25	2.980,37	983,52	3.963,90	322,65	8,86%	3.159,79
	12	3.518,83	2.882,87	951,35	3.834,21	315,38	8,96%	3.058,94
	11	3.400,54	2.788,57	920,23	3.708,80	308,26	9,06%	2.961,34
	10	3.286,22	2.683,35	885,50	3.568,85	282,63	8,60%	2.838,83
	9	3.175,73	2.595,53	856,53	3.452,06	276,33	8,70%	2.748,19
	8	3.068,99	2.510,62	828,50	3.339,12	270,13	8,80%	2.660,48
	7	2.965,81	2.428,47	801,40	3.229,87	264,06	8,90%	2.575,56
	6	2.866,10	2.349,03	775,18	3.124,21	258,11	9,01%	2.493,37
	5	2.769,75	2.260,42	745,94	3.006,36	236,60	8,54%	2.390,26
	4	2.676,63	2.186,44	721,53	2.907,97	231,33	8,64%	2.313,93
	3	2.586,65	2.114,90	697,92	2.812,81	226,16	8,74%	2.240,06
	2	2.499,69	2.045,70	675,08	2.720,78	221,09	8,84%	2.168,56
	1	2.415,66	1.978,78	653,00	2.631,78	216,12	8,95%	2.099,36
A U X I L I A R	15	2.334,45	1.903,08	628,02	2.531,09	196,64	8,42%	2.010,42
	14	2.255,97	1.835,54	605,73	2.441,27	185,30	8,21%	1.935,72
	13	2.180,13	1.770,43	584,24	2.354,67	174,54	8,01%	1.863,84
	12	2.106,83	1.707,65	563,52	2.271,17	164,34	7,80%	1.794,66
	11	2.036,01	1.647,13	543,55	2.190,68	154,67	7,60%	1.728,09
	10	1.967,55	1.585,33	523,16	2.108,49	140,94	7,16%	1.657,16
	9	1.901,42	1.529,22	504,64	2.033,87	132,45	6,97%	1.595,81
	8	1.837,50	1.475,11	486,79	1.961,90	124,40	6,77%	1.536,77
	7	1.775,71	1.422,93	469,57	1.892,49	116,78	6,58%	1.479,92
	6	1.716,03	1.372,63	452,97	1.825,59	109,57	6,38%	1.425,23
	5	1.658,33	1.321,39	436,06	1.757,45	99,12	5,98%	1.367,14
	4	1.602,59	1.274,73	420,66	1.695,39	92,80	5,79%	1.316,70
	3	1.548,70	1.229,73	405,81	1.635,54	86,84	5,61%	1.268,15
	2	1.496,64	1.186,34	391,49	1.577,83	81,19	5,42%	1.221,41
	1	1.446,34	1.144,50	377,69	1.522,19	75,85	5,24%	1.176,44

Elaboração: Economista Washington Luiz Moura Lima

Parcelamento dos PCs

2a. PARCELA		Aumento		3a. PARCELA			Aumento	
GAJ	TOTAL	em R\$	em %	VB	GAJ	TOTAL	em R\$	em %
2.013,74	7.607,46	1.095,39	16,82%	5.885,94	2.295,52	8.181,45	1.669,39	25,64%
1.949,42	7.364,47	1.071,32	17,02%	5.702,13	2.223,83	7.925,97	1.632,81	25,95%
1.887,16	7.129,27	1.047,68	17,23%	5.524,09	2.154,40	7.678,49	1.596,90	26,26%
1.826,90	6.901,61	1.024,48	17,43%	5.351,64	2.087,14	7.438,77	1.561,64	26,57%
1.768,57	6.681,26	1.001,71	17,64%	5.184,60	2.021,99	7.206,59	1.527,03	26,89%
1.695,56	6.405,45	916,81	16,70%	4.953,82	1.931,99	6.885,80	1.397,16	25,46%
1.641,39	6.200,81	896,71	16,91%	4.799,09	1.871,65	6.670,74	1.366,63	25,77%
1.588,97	6.002,76	876,97	17,11%	4.649,23	1.813,20	6.462,44	1.336,64	26,08%
1.538,22	5.811,07	857,59	17,31%	4.504,08	1.756,59	6.260,67	1.307,19	26,39%
1.489,11	5.625,52	838,57	17,52%	4.363,48	1.701,76	6.065,24	1.278,28	26,70%
1.427,65	5.393,34	767,32	16,59%	4.169,30	1.626,03	5.795,32	1.169,31	25,28%
1.382,04	5.221,04	750,53	16,79%	4.039,07	1.575,24	5.614,31	1.143,81	25,59%
1.337,89	5.054,26	734,05	16,99%	3.912,93	1.526,04	5.438,98	1.118,77	25,90%
1.295,16	4.892,84	717,87	17,19%	3.790,76	1.478,39	5.269,15	1.094,18	26,21%
1.253,81	4.736,60	701,98	17,40%	3.672,41	1.432,24	5.104,66	1.070,03	26,52%
1.213,77	4.585,36	686,39	17,60%	3.557,78	1.387,53	4.945,31	1.046,34	26,84%
1.175,03	4.438,99	671,08	17,81%	3.446,75	1.344,23	4.790,98	1.023,07	27,15%
1.137,52	4.297,31	656,06	18,02%	3.339,20	1.302,29	4.641,49	1.000,24	27,47%
1.101,22	4.160,16	641,33	18,23%	3.235,02	1.261,66	4.496,67	977,85	27,79%
1.066,08	4.027,42	626,88	18,43%	3.134,11	1.222,30	4.356,41	955,87	28,11%
1.021,98	3.860,81	574,59	17,48%	2.994,32	1.167,78	4.162,10	875,88	26,65%
989,35	3.737,54	561,81	17,69%	2.900,85	1.131,33	4.032,19	856,45	26,97%
957,77	3.618,25	549,26	17,90%	2.810,33	1.096,03	3.906,37	837,38	27,29%
927,20	3.502,76	536,95	18,10%	2.722,64	1.061,83	3.784,48	818,67	27,60%
897,61	3.390,98	524,88	18,31%	2.637,71	1.028,71	3.666,41	800,31	27,92%
860,49	3.250,75	480,99	17,37%	2.520,09	982,84	3.502,93	733,18	26,47%
833,02	3.146,95	470,32	17,57%	2.441,43	952,16	3.393,58	716,95	26,79%
806,42	3.046,49	459,84	17,78%	2.365,23	922,44	3.287,67	701,02	27,10%
780,68	2.949,25	449,55	17,98%	2.291,42	893,66	3.185,08	685,39	27,42%
755,77	2.855,12	439,46	18,19%	2.219,93	865,77	3.085,71	670,05	27,74%
723,75	2.734,18	399,73	17,12%	2.117,77	825,93	2.943,70	609,25	26,10%
696,86	2.632,58	376,61	16,69%	2.035,90	794,00	2.829,90	573,93	25,44%
670,98	2.534,82	354,69	16,27%	1.957,24	763,33	2.720,57	540,44	24,79%
646,08	2.440,74	333,91	15,85%	1.881,67	733,85	2.615,52	508,69	24,14%
622,11	2.350,21	314,20	15,43%	1.809,06	705,53	2.514,59	478,59	23,51%
596,58	2.253,74	286,19	14,55%	1.728,99	674,31	2.403,30	435,75	22,15%
574,49	2.170,31	268,89	14,14%	1.662,41	648,34	2.310,75	409,33	21,53%
553,24	2.090,00	252,50	13,74%	1.598,42	623,38	2.221,80	384,30	20,91%
532,77	2.012,70	236,99	13,35%	1.536,92	599,40	2.136,32	360,61	20,31%
513,08	1.938,32	222,29	12,95%	1.477,84	576,36	2.054,20	338,17	19,71%
492,17	1.859,31	200,98	12,12%	1.412,89	551,03	1.963,91	305,58	18,43%
474,01	1.790,71	188,13	11,74%	1.358,67	529,88	1.888,56	285,97	17,84%
456,53	1.724,68	175,98	11,36%	1.306,57	509,56	1.816,13	267,42	17,27%
439,71	1.661,12	164,48	10,99%	1.256,49	490,03	1.746,52	249,88	16,70%
423,52	1.599,95	153,61	10,62%	1.208,37	471,26	1.679,63	233,29	16,13%

Parcelamento dos PCs

		ATUAL	4a. PARCELA			Aumento		5a. PARCELA
	PADRÃO	TOTAL	VB	GAJ	TOTAL	em R\$	em %	VB
A N A L I S T A	15	6.512,06	6.178,16	2.594,83	8.772,98	2.260,92	34,72%	6.567,78
	14	6.293,16	5.989,22	2.515,47	8.504,69	2.211,53	35,14%	6.371,99
	13	6.081,59	5.806,08	2.438,55	8.244,63	2.163,03	35,57%	6.182,05
	12	5.877,13	5.628,56	2.363,99	7.992,55	2.115,42	35,99%	5.997,79
	11	5.679,56	5.456,50	2.291,73	7.748,23	2.068,67	36,42%	5.819,03
	10	5.488,64	5.197,74	2.183,05	7.380,80	1.892,16	34,47%	5.522,98
	9	5.304,10	5.038,76	2.116,28	7.155,04	1.850,94	34,90%	5.358,32
	8	5.125,80	4.884,67	2.051,56	6.936,24	1.810,44	35,32%	5.198,59
	7	4.953,48	4.735,32	1.988,83	6.724,15	1.770,67	35,75%	5.043,63
	6	4.786,95	4.590,55	1.928,03	6.518,58	1.731,63	36,17%	4.893,31
	5	4.626,01	4.372,91	1.836,62	6.209,53	1.583,52	34,23%	4.644,38
	4	4.470,51	4.239,15	1.780,44	6.019,59	1.549,09	34,65%	4.505,92
	3	4.320,21	4.109,50	1.725,99	5.835,49	1.515,28	35,07%	4.371,59
	2	4.174,98	3.983,83	1.673,21	5.657,05	1.482,07	35,50%	4.241,27
1	4.034,63	3.862,03	1.622,05	5.484,09	1.449,46	35,93%	4.114,86	
T É C N I C O	15	3.898,97	3.743,96	1.572,46	5.316,43	1.417,46	36,35%	3.992,22
	14	3.767,91	3.629,53	1.524,40	5.153,93	1.386,03	36,79%	3.873,24
	13	3.641,25	3.518,61	1.477,82	4.996,43	1.355,18	37,22%	3.757,83
	12	3.518,83	3.411,09	1.432,66	4.843,75	1.324,92	37,65%	3.645,86
	11	3.400,54	3.306,88	1.388,89	4.695,77	1.295,23	38,09%	3.537,24
	10	3.286,22	3.149,80	1.322,92	4.472,72	1.186,50	36,11%	3.357,11
	9	3.175,73	3.053,51	1.282,48	4.335,99	1.160,26	36,54%	3.257,06
	8	3.068,99	2.960,19	1.243,28	4.203,47	1.134,49	36,97%	3.160,00
	7	2.965,81	2.869,73	1.205,29	4.075,02	1.109,21	37,40%	3.065,84
	6	2.866,10	2.782,04	1.168,46	3.950,50	1.084,41	37,84%	2.974,50
	5	2.769,75	2.649,93	1.112,97	3.762,90	993,15	35,86%	2.823,05
	4	2.676,63	2.568,92	1.078,95	3.647,87	971,23	36,29%	2.738,91
	3	2.586,65	2.490,40	1.045,97	3.536,36	949,71	36,72%	2.657,29
	2	2.499,69	2.414,29	1.014,00	3.428,29	928,59	37,15%	2.578,10
1	2.415,66	2.340,51	983,02	3.323,53	907,87	37,58%	2.501,28	
A U X I L I A R	15	2.334,45	2.225,12	934,55	3.159,66	825,22	35,35%	2.368,24
	14	2.255,97	2.136,08	897,15	3.033,23	777,27	34,45%	2.269,65
	13	2.180,13	2.050,65	861,27	2.911,93	731,80	33,57%	2.175,20
	12	2.106,83	1.968,68	826,85	2.795,53	688,69	32,69%	2.084,69
	11	2.036,01	1.890,03	793,81	2.683,84	647,83	31,82%	1.997,98
	10	1.967,55	1.800,82	756,35	2.557,17	589,62	29,97%	1.896,60
	9	1.901,42	1.729,00	726,18	2.455,18	553,76	29,12%	1.817,79
	8	1.837,50	1.660,07	697,23	2.357,30	519,80	28,29%	1.742,27
	7	1.775,71	1.593,92	669,45	2.263,36	487,66	27,46%	1.669,91
	6	1.716,03	1.530,45	642,79	2.173,23	457,21	26,64%	1.600,59
	5	1.658,33	1.458,64	612,63	2.071,26	412,93	24,90%	1.519,63
	4	1.602,59	1.400,64	588,27	1.988,91	386,33	24,11%	1.456,61
	3	1.548,70	1.344,98	564,89	1.909,88	361,17	23,32%	1.396,21
	2	1.496,64	1.291,57	542,46	1.834,02	337,39	22,54%	1.338,33
1	1.446,34	1.240,30	520,93	1.761,23	314,89	21,77%	1.282,88	

Elaboração: Economista Washington Luiz Moura Lima

Parcelamento dos PCs

5a. PARCELA		Aumento		6a. PARCELA			Aumento	
GAJ	TOTAL	em R\$	em %	VB	GAJ	TOTAL	em R\$	em %
3.021,18	9.588,96	3.076,90	47,25%	6.957,41	3.478,70	10.436,12	3.924,05	60,26%
2.931,12	9.303,11	3.009,95	47,83%	6.754,77	3.377,38	10.132,15	3.838,99	61,00%
2.843,74	9.025,79	2.944,20	48,41%	6.558,03	3.279,01	9.837,04	3.755,44	61,75%
2.758,98	8.756,77	2.879,64	49,00%	6.367,02	3.183,51	9.550,52	3.673,39	62,50%
2.676,76	8.495,79	2.816,23	49,59%	6.181,57	3.090,78	9.272,35	3.592,80	63,26%
2.540,57	8.063,55	2.574,91	46,91%	5.848,22	2.924,11	8.772,33	3.283,69	59,83%
2.464,83	7.823,15	2.519,05	47,49%	5.677,88	2.838,94	8.516,83	3.212,72	60,57%
2.391,35	7.589,94	2.464,15	48,07%	5.512,51	2.756,25	8.268,76	3.142,97	61,32%
2.320,07	7.363,71	2.410,22	48,66%	5.351,95	2.675,97	8.027,92	3.074,44	62,07%
2.250,92	7.144,23	2.357,28	49,24%	5.196,07	2.598,03	7.794,10	3.007,15	62,82%
2.136,42	6.780,80	2.154,79	46,58%	4.915,86	2.457,93	7.373,80	2.747,78	59,40%
2.072,72	6.578,64	2.108,13	47,16%	4.772,68	2.386,34	7.159,02	2.688,52	60,14%
2.010,93	6.382,52	2.062,30	47,74%	4.633,67	2.316,84	6.950,51	2.630,30	60,88%
1.950,99	6.192,26	2.017,28	48,32%	4.498,71	2.249,36	6.748,07	2.573,09	61,63%
1.892,83	6.007,69	1.973,06	48,90%	4.367,68	2.183,84	6.551,52	2.516,89	62,38%
1.836,42	5.828,63	1.929,66	49,49%	4.240,47	2.120,23	6.360,70	2.461,73	63,14%
1.781,69	5.654,94	1.887,03	50,08%	4.116,96	2.058,48	6.175,44	2.407,53	63,90%
1.728,60	5.486,43	1.845,18	50,67%	3.997,05	1.998,52	5.995,57	2.354,32	64,66%
1.677,10	5.322,96	1.804,13	51,27%	3.880,63	1.940,31	5.820,94	2.302,12	65,42%
1.627,13	5.164,37	1.763,83	51,87%	3.767,60	1.883,80	5.651,40	2.250,86	66,19%
1.544,27	4.901,39	1.615,17	49,15%	3.564,43	1.782,21	5.346,64	2.060,42	62,70%
1.498,25	4.755,31	1.579,58	49,74%	3.460,61	1.730,30	5.190,91	2.015,18	63,46%
1.453,60	4.613,61	1.544,62	50,33%	3.359,82	1.679,91	5.039,72	1.970,73	64,21%
1.410,29	4.476,13	1.510,32	50,92%	3.261,96	1.630,98	4.892,93	1.927,13	64,98%
1.368,27	4.342,76	1.476,67	51,52%	3.166,95	1.583,47	4.750,42	1.884,32	65,75%
1.298,60	4.121,65	1.351,90	48,81%	2.996,17	1.498,08	4.494,25	1.724,50	62,26%
1.259,90	3.998,81	1.322,17	49,40%	2.908,90	1.454,45	4.363,35	1.686,71	63,02%
1.222,35	3.879,64	1.292,99	49,99%	2.824,17	1.412,09	4.236,26	1.649,61	63,77%
1.185,93	3.764,03	1.264,34	50,58%	2.741,92	1.370,96	4.112,88	1.613,18	64,54%
1.150,59	3.651,87	1.236,21	51,18%	2.662,06	1.331,03	3.993,08	1.577,42	65,30%
1.089,39	3.457,64	1.123,19	48,11%	2.511,37	1.255,69	3.767,06	1.432,61	61,37%
1.044,04	3.313,69	1.057,73	46,89%	2.403,23	1.201,61	3.604,84	1.348,87	59,79%
1.000,59	3.175,79	995,66	45,67%	2.299,74	1.149,87	3.449,61	1.269,48	58,23%
958,96	3.043,65	936,82	44,47%	2.200,71	1.100,35	3.301,06	1.194,23	56,68%
919,07	2.917,06	881,05	43,27%	2.105,94	1.052,97	3.158,91	1.122,90	55,15%
872,44	2.769,04	801,49	40,74%	1.992,37	996,19	2.988,56	1.021,01	51,89%
836,18	2.653,97	752,55	39,58%	1.906,58	953,29	2.859,87	958,45	50,41%
801,45	2.543,72	706,22	38,43%	1.824,48	912,24	2.736,72	899,22	48,94%
768,16	2.438,08	662,37	37,30%	1.745,91	872,96	2.618,87	843,16	47,48%
736,27	2.336,86	620,83	36,18%	1.670,73	835,36	2.506,09	790,07	46,04%
699,03	2.218,67	560,33	33,79%	1.580,63	790,32	2.370,95	712,62	42,97%
670,04	2.126,64	524,06	32,70%	1.512,57	756,28	2.268,85	666,26	41,57%
642,26	2.038,46	489,76	31,62%	1.447,43	723,72	2.171,15	622,45	40,19%
615,63	1.953,97	457,33	30,56%	1.385,10	692,55	2.077,65	581,02	38,82%
590,12	1.873,00	426,66	29,50%	1.325,46	662,73	1.988,19	541,84	37,46%

Novas trilhas para redescobrir o Centro-Oeste

Hylda Cavalcanti

Omês é de verão, passagem de um ano para outro, boas expectativas e, se não de férias, de bons períodos de repouso para os brasileiros de um modo geral. Para os que moram no Distrito Federal e não querem ou não podem viajar para longe, sobretudo em função da crise aérea observada no país, a boa notícia é que o Ministério do Turismo redimensionou o Brasil em 200 regiões e 3.819 municípios considerados potencialmente atrativos para a recepção de visitantes. Trata-se do chamado Programa de Regionalização do Turismo que, somente na Região Centro-Oeste definiu 16 áreas

com 12 roteiros específicos, envolvendo um total de 32 municípios. As opções são as mais diversas, a começar pelo próprio DF. Tanto que o primeiro roteiro (intitulado DF/Goiás) perfaz a região da reserva da Biosfera Goyas e Brasília. As programações oferecidas por redes hoteleiras e agências abrangem os segmentos de turismo cultural (incluindo aí a área mística e religiosa), ecoturismo, turismo de aventura e turismo de negócios e eventos. Sem falar que perfazem vários municípios. Desde Brazlândia, passando por Sobradinho e Planaltina (no DF), até Formosa, São João da Aliança, Alto Paraíso (São Jorge), Cavalcante e São Domingos (Terra Ronca) em Goiás.

Incluem, tanto um banho de cachoeira quanto um passeio rural na região da Chapada dos Veadeiros. E, até mesmo, uma visita ao Vale do Amanhecer ou à Vila Planalto, localizados aqui mesmo, no DF. Muitos destes, locais por onde passamos quase sempre, mas que podem ser vistos sob um novo olhar. Outro trecho, intitulado “Caminho do Ouro”, faz o percurso entre Brasília e as cidades goianas de Pirenópolis, Goiás Velho, Goiânia e Alto Paraíso. Já o “Circuito das Águas Quentes”, compreende os municípios de Rio Quente e Caldas Novas. E para os que querem ir um pouco mais adiante, há a chamada “Travessia do Pantanal”, roteiro que inclui cidades

como Campo Grande (capital do Mato Grosso do Sul), Porto Murtinho, Corumbá e Ladano - também localizadas no mesmo estado. Bem como Cuiabá (capital do MT), Várzea Grande, Cáceres e Poconé – todas matogrossenses.

INTERIORIZAÇÃO E INCENTIVO A ESTRANGEIROS

Segundo a diretora do Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico do ministério, Tânia Brizolla, o intuito do programa é buscar a interiorização e o desenvolvimento turístico das regiões como forma de estimular, cada vez mais, os brasileiros a conhecerem o próprio país, incrementando dessa forma o segmento e aproveitando todas as nossas potencialidades.

Outro grande objetivo é ampliar o número de turistas estrangeiros – incrementando um saldo que aumenta a cada ano. Para se ter uma idéia, em 2005 o Brasil apresentou uma variação do fluxo internacional de turistas duas vezes maior que a observada no mundo de um modo geral e quase 1% maior que de toda a América do Sul. Como resultado, as 80 maiores empresas de turismo tiveram faturamento de R\$ 25,5 milhões no total, o que representou um crescimento

de 17,75% em relação a 2004 e contribuiu para a oferta de 67.127 postos de trabalho. “Batemos todos os recordes de entrada de divisas da história do turismo. Chegaremos a 2007 com mais de US\$ 4,3 bilhões de receita cambial. Esses números impressionam”, afirmou o ministro do Turismo, Walfrido dos Mares Guia.

INVESTIMENTOS PARA A REGIÃO ATÉ 2010

Dentro da estratégia de articulação e melhoria do

setor por parte do governo e empresariado, estão programados, no Centro-Oeste, investimentos da ordem de US\$ 250 milhões – montante cuja aplicação foi iniciada em 2006 e prossegue até 2010. Os recursos fazem parte do programa Prodetur JK. A previsão é de aporte de US\$ 100 milhões por parte do Ministério do Turismo. A viabilização do restante dos recursos acontecerá por meio do Banco Mundial (BIRD), Banco Interamericano de Desenvol-

vimento (BID). Além disso, informações do ministério são de que também devem ser injetados R\$ 206, 5 mil na região por parte da iniciativa privada – em hotéis, flats, resorts e demais empreendimentos. Os representantes do setor consideram que, além dos atrativos do Centro-Oeste como um todo, há tempos o DF deixou de ser opção apenas de trabalho. Várias pessoas que vêm até a cidade para participar de reuniões ou congressos terminam estendendo o final

de semana para conhecer melhor a cidade e áreas adjacentes. “O interessante é a possibilidade de se oferecer tanto o pacote de aventura, como roteiros religiosos, culturais e de negócios”, afirmou o profissional de marketing turístico Jackson Seixas – radicado em Brasília desde 1983. Portanto, se você é um destes moradores da capital ou do entorno, aproveite a programação definida pelo Ministério do Turismo e não fique em casa. Pé na estrada!

ROTEIROS TURÍSTICOS DEFINIDOS PARA DF E ENTORNO

Nome das regiões turísticas que o roteiro perpassa	Nome do roteiro	Municípios abrangidos	Tipo de segmento turístico
Brasília	Brasília Patrimônio Cultural da Humanidade	Brasília e regiões administrativas de: Cruzeiro, Lago Norte, Lago Sul, Paranoá, Park Way, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Brazlândia e Sobradinho	Turismo cultural
Brasília	Capital de Eventos do Brasil	Brasília e Taguatinga	Turismo de eventos e negócios
Brasília	Brasília/Chapada dos Veadeiros	Brasília e regiões do: Lago Norte, Lago Sul, Brazlândia, Sobradinho e Planaltina	Turismo cultural Turismo rural Ecoturismo Turismo de aventura
DF?Goiás	Caminho do Ouro/ Chapada dos Veadeiros	Brasília, Pirenópolis, Goiás Velho, Goiânia, Alto Paraíso	Turismo cultural Ecoturismo Turismo de aventura
DF?Goiás	Águas Quentes	Brasília, Rio Quente e Caldas Novas	Turismo cultural Ecoturismo
Brasília/Região da reserva da biosfera de Goyaz	Roteiro integrado DF/Goiás	Brasília, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Formosa, São João da Aliança, Alto Paraíso, Teresina de Goiás, Cavalcante e São Domingos.	Turismo cultural Ecoturismo Turismo de aventura Negócios e eventos.

Fonte: Ministério do Turismo

Mais informações sobre o programa:

www.turismo.gov.br
www.embratur.gov.br

Alertas e cuidados com a Síndrome do Pânico

A Síndrome do Pânico, distúrbio que antes era visto como uma doença incomum, observada em poucas pessoas, hoje é mais habitual do que parece. Afinal,

Em todo o mundo, os especialistas dão um recado: a Síndrome do Pânico pode estar bem mais próxima de nós do que se imagina. Atualmente, conforme estimativas oficiais, entre 4% e 5% da população mundial apresenta ou já apresentou os sinais.

ao contrário do que se pensava anteriormente - que para ser acometido era preciso ter como antecedente um quadro de estresse agudo e de componentes emocionais fortes - esse mal não atinge apenas aqueles que possuam algum tipo de histórico dramático. Acomete as pessoas, também, de um modo espontâneo, por meio de ataques recorrentes de ansiedade.

Em todo o mundo, os especialistas dão um recado: a Síndrome do Pânico pode estar bem mais próxima de nós do que se imagina. Atualmente, conforme estimativas oficiais, entre 4% e 5% da população mundial apresenta ou já apresentou os sinais. E o número de vítimas só tem aumentado, nos últimos 26 anos — desde que foi feito o primeiro diagnóstico oficial de tal doença.

Os sintomas são variados: taquicardia, ondas de frio e calor, parestesias (nome dado à desordem nervosa caracterizada por sensações anormais e alucinações sensoriais), falta de ar, tremores e sudorese. Além de dores abdominais, dores no peito, sensação de desmaio, tontura, cefaléia, náuseas e diarreia. Seguidos, no campo emocional, dos mais diversos tipos de medo: de morrer, de ver a morte de entes queridos, de

enlouquecer, de perder o controle, entre outros.

RETORNO À QUALIDADE DE VIDA

A boa notícia, no entanto, é que embora não exista um tempo médio de tratamento que varia de pessoa para pessoa, a grande maioria dos que possuem a síndrome, têm seu problema passível de ser tratado, com retorno a uma boa qualidade de vida.

Sem falar que por volta de 40% das vítimas da doença ficam bem sem precisar de medicação constante.

“É importante que, assim que perceba a doença, se procure um clínico geral, psicólogo ou psiquiatra, para que seja possível fazer o diagnóstico exato. E, também, entender que ninguém vai morrer de pânico. O que é preciso é se tratar”, afirmou a médica clínica geral Shirley Nascimento. Segundo ela, uma das dificuldades encontradas até hoje entre as pessoas acometidas pela síndrome é o fato de muitos dos sintomas serem observados também em outras doenças, o que atrapalha o diagnóstico. “Mas com uma observação bem feita e acompanhamento do que a pessoa está sentindo, é possível iniciar um tratamento que seja eficaz e ajude a pessoa a retomar o controle de sua

vida”, ressaltou.

De um modo geral, a Síndrome do Pânico é um distúrbio nitidamente diferente de outros tipos de ansiedade, porque se caracteriza por crises súbitas, sem fatores desencadeantes aparentes.



Depois de ter uma crise de pânico - por exemplo, seja dirigindo, fazendo compras, trabalhando ou dentro de um elevador - a pessoa pode desenvolver medos irracionais (chamados fobias) destas situações e começar a evitá-las. De acordo com os médicos e psicólogos, o nível de ansiedade e o medo podem, aos poucos atingir proporções tais que a pessoa com o transtorno se torna incapaz de pôr o pé fora de casa. Neste estágio, o impacto é tão grande quanto o observado em outras doenças mais graves.

Do ponto de vista orgânico, uma das teorias dos especialistas é de que o sistema de “alerta” normal do organismo

- conjunto de mecanismos físicos e mentais que permite que uma pessoa reaja a uma ameaça - tende a ser desencadeado desnecessariamente na crise de pânico, sem haver perigo iminente. Tudo se procede da seguinte forma: o cérebro produz substâncias chamadas neurotransmissores que são responsáveis pela comunicação que ocorre entre os neurônios (células do sistema nervoso). Estas comunicações formam mensagens que irão determinar a execução de todas as atividades físicas e mentais de nosso organismo. Um desequilíbrio na produção destes neurotransmissores pode levar algumas partes do cére-

bro a transmitir informações e comandos incorretos.

“Isto é exatamente o que ocorre em uma crise de pânico: existe uma informação incorreta alertando e preparando o organismo para uma ameaça ou perigo que na realidade não existe. É como se tivéssemos um despertador que passa a tocar o alarme em horas totalmente inapropriadas. No caso do Transtorno ou Síndrome do Pânico os neurotransmissores que se encontram em desequilíbrio são a serotonina e a noradrenalina”, enfatiza texto clínico sobre o assunto..

MEDO DE SAIR DE CASA

Foi justo o despertar destes sintomas o que aconteceu com a assistente social Karina Guimarães (o nome foi trocado a pedido da entrevistada), que chegou em Brasília há quatro anos, vinda do Pará - transferida do emprego. “Tudo começou quando entrei num barzinho para conhecer a cidade para uma festa entre colegas de trabalho. De repente me senti perdida, com vontade de sair do lugar, com uma espécie de medo das pessoas, do local. Fiquei tão desorientada que liguei para o meu pai, de Belém, pedindo que ele viesse me buscar do bar”, contou. As crises da assistente social passaram a se repetir com frequência, inclusive no local onde trabalhava e chegaram a afetar sua produção, seu sono e o contato com os familiares que a estavam acolhendo na cidade.

Diante da situação estranha, ela procurou um psiquiatra e vem recebendo tratamento desde então. “Não sei se estou próxima de receber alta, porque preciso diariamente de remédios, mas hoje consigo levar uma vida normal. Hoje dirijo sozinha, saio,

danço, faço ginástica, namoro e trabalho como qualquer um. Logo no início da doença, era como se algo fosse acontecer se eu pusesse os pés fora de casa. Uma sensação que somente quem vive a síndrome tem ideia de como é”, enfatizou.

Depoimentos como os de Karina são constantes entre as pessoas que sofrem da doença, mas o pior, para os especialistas, é o medo dos que estão em tratamento de que as crises retornem: o chamado “Medo do medo”, conforme explicou a psicóloga Tereza Aquino, autora do livro intitulado “Saindo do Escuro”, que aborda a doença.

“Em geral, as pessoas adotam um procedimento defensivo para evitar que novas crises ocorram e, nisso, vão sendo produzidos diferentes tipos de fobias. Assim vai se delineando um quadro cuja principal característica, nesse segundo momento, é um medo revestido de irracionalidade e, portanto, como algo inteiramente sem sentido. Consequentemente, de forma gradativa, a vida destas pessoas vai se tornando restrita de tal forma as limitações vão se impondo. O resultado é uma dramática sensação de incapacidade de dirigir a própria vida”, relatou ela, ao mesmo tempo em que indica a realização de um tratamento especializado.

“Sei que nem tudo depende de nós, mas ter amigos, viver de bem com a vida e descobrir que muitas vezes somos nós que criamos as dificuldades foram pensamentos que me ajudaram muito a superar a doença. Depois que adquiri a síndrome, passei a ver que era preciso tratar a doença como coisa séria e, daí por diante, passei a ver a vida com outros olhos”, contou Karina.

VEREDAS, VERDADES E VIRADAS

O GRANDE SERTÃO DE ROSA E OS REINVENTORES DO BRASIL

TT Catalão

Termina 2006 com aquele gosto natural de todo ano findo: frustração do que poderia ter sido e celebração pelo conquistado. Entre as inúmeras sínteses do ano prevalece a forte sensação de virada. Não que tenhamos operado uma grande e estrutural mudança nas relações da justiça social e a miséria tenha sofrido um ataque profundo em suas raízes de cobiça pelo poder, acumulação despudorada de renda e desvios do caráter presentes na hedionda crise moral. A sensação é de “refundar”, retomar princípios, revitalizar causas, reinventar o Brasil. A tarefa é longa na história, na economia, nas relações institucionais, nas conquistas dos direitos civis e, principalmente, na cultura. Pelos valores simbólicos e imaginários da cultura um povo se posiciona como autônomo (sem arrogância) e se firma como sujeito do seu caminho.

Termina 2006 como o ano do cinquentenário de uma obra fundadora desse espírito da reinvenção: os 50 anos de Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa. De tão vasta e deflagradora de muitas leituras será eterna por inúmeros 50 anos. Vale sempre voltar às suas páginas. Encanto do verbo e de expressão quando a língua portuguesa se mostrou radical na construção narrativa e atingiu um devastador grau de beleza. Cada linha, achados de entrelinhas, ritmo, sonoridades, os causos em si, os ocultos revelados, os explícitos velados, tudo faz desta obra a base para reacender a brasa adormecida que o “Brasil oficioso” tenta narcotizar o Brasil real de quem faz, trabalha e cria.

Desde a certidão de nascimento do país descrita na Carta de Caminha os conflitos e confrontos entre a visão do estrangeiro que via a terra pela proa do navio se chocou com a visão nativa do que via o invasor pela visão da praia. Assim, entre praia e proa, urbano e rural, litoral e sertão, boi bumbá e playboy, café-canaval e aço-soja (sempre colônia exportadora de matéria-prima e importadora de produtos) os inventores do Brasil se apresentam. Parece que 2007 exige essa espécie de renascimento periódico pela exaustão de modelos apoiados penas em retórica sem o menor compromisso concreto com a vida no cotidiano da cidadania.

CAPISTRANO - MÁRIO DE ANDRADE

Neste enredo histórico de reinventores — onde as veredas de Rosa são abertas nos anos 50 e invadem os 60 do desenvolvimentismo JK — são significativas as fundações de um historiador como o

cearense Capistrano de Abreu que em 1880 inicia a sistematização do Brasil mais um pouco pela visão de quem estava na praia. Capistrano é moderno nessa busca de raízes sem se embriagar pela patriotada dos que não aceitam “influências externas” mais como dogma religioso. Estudou a gramática dos caxinauás, reoxigenou a história geral do Brasil e Varnhagen e atua nos métodos de investigação e interpretação historiográfica. Não cai na armadilha das repetições de fatos desvinculados do seu contexto. Escapa daquela frieza de balaio de nomes, datas e feitos. Capistrano foi na veia das vias: o povo. Essa entidade complexa em que tantos crimes são cometidos em seu santo nome em vão. Este povo que “durante três séculos foi capado e recapado, sangrado e ressangrado” como escreveu Capistrano no meio das contradições. Sentiu, como Rosa (que virou até trilha de ecoturismo para cavalos mangalarga marchador), a necessidade vital de refazer caminhos e reconhecer coisas, causos, pensares, fazeres e saberes no local, em campo, no contato. Ressonâncias na redescoberta do Brasil pelos Sertões (1902) de Euclides da Cunha e o trabalho contra a escravidão de Joaquim Nabuco.

Reportar, como Mário de Andrade também partiu em 1924 para a uma viagem pelo interior do Brasil. A viagem de Mário (pelos ventos de vanguarda soprados do Movimento Modernista de 1922 que também sentia a urgência de reinventar o Brasil) deu um roteiro de investigação e o material coletado espantou pela beleza. Alguns tentaram colocar a sabedoria popular em potes de conserva congelando-a no tradicionalismo e um exótico folclore, mas essa força estava e está em movimento. Acompanhado, em reflexão e pesquisa, pela poeta Cecília Meireles e sua obra Batuque, Samba e Macumba de 1926 que revelou seu perfil de educadora. Algo hoje mais oficializado em política pública pelo importante conceito e reconhecimento do patrimônio imaterial feito no ministério de Gil. Cecília também escreveu para As artes plásticas no Brasil, obra organizada por Rodrigo M. F. de Andrade e aspectos da cerâmica popular.

VILLA-LOBOS — GLAUBER ROCHA

Neste elenco de reinventores temos atitudes e atos de ousadia como o Visconde de Mauá e sua visão moderna para criar sua ferrovia 1852 a 56, e fundar banco nacional em 1860. Ecos depois em Delmiro Gouveia e sua usina. José Bonifácio queria já queria uma capital no centro do país em pleno século 19 com visão estratégica do sertão. Sempre na trilha das tensões entre modernidade e tradição.

Já no trajeto da modernidade chega a obra de Villa Lobos que faz em 1930 a Bachiana Brasileira número 1 enquanto outro “gênio da raça”, Noel Rosa compunha Com que roupa eu vou? Em 1933 temos os primeiros passos no cinema com Umberto Mauro ao finalizar Ganga Bruta outra obra fundamental no alicerce da mestiçagem que é Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda é de 1936. Aquarela do Brasil (o hino alternativo do país junto a Carinhoso de Pixinguinha) de Ary Barroso é de 1939 mesmo ano em que o magistral trabalho do marechal Rondon revela os índios aos alienados brancos do litoral. E a marcha para o Centro-Oeste impõe um pensar de um Brasil mais inteiro. Em 1937, enfim, o Estado brasileiro cria o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no governo de Getúlio Vargas.

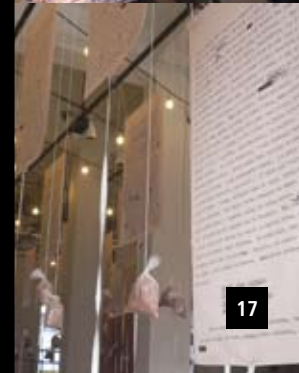
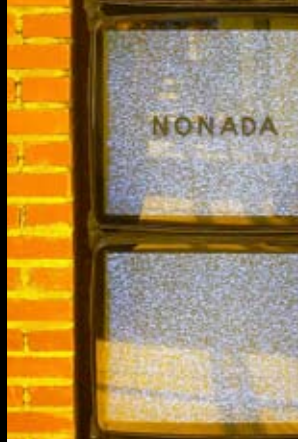
PORTINARI - LUIZ GONZAGA

Em 1940 Portinari faz os murais da Pampulha-BH e se encontram os reinventores do Brasil a partir de Brasília como novo avanço, em 1957, sobre o interior, Lúcio Costa, Niemeyer e JK. Antes, em 52, Nise da Silveira revoluciona a psiquiatria através da arte e pelo inconsciente, no tratamento dos excluídos por serem diferentes. Em 54 começa a vasta contribuição de Câmara Cascudo 1954 com o seu Dicionário do Folclore Brasileiro. Daí a coisa acelera nas fundações contemporâneas de Zé Celso Martinez fundando em 1958 o Teatro Oficina é a luta pela ruptura e o fim do “complexo de vira-latas”, como escreveu Nelson Rodrigues, após a primeira copa do mundo conquistada na Suécia. A primazia da Rádio Nacional (a Globo da época) na criação de um contexto nacional onde o magnífico Luis Gonzaga “apresenta” o nordeste ao litoral. Daí nasce o Cinema Novo e a explosão da Música Popular Brasileira com traços antropofágicos como o jazz digerido no balanço inconfundível da bossa nova arquitetada em João Gilberto e Tom. Glauber, Tropicalismo, Manoel Bandeira. João Cabral, Drummond, Jose Lins do Rego, Patativa do Assaré, Ariano Suassuna (1971-A Pedra do Reino), irmãos Villas-Boas e o Xingu, Josué de Castro, Milton Santos, Paulo Freire (1969-Pedagogia do Oprimido), Festivais da Record, Augusto Boal (1970-Teatro do Oprimido), Lina Bo Bardi, Aloysio Magalhães (1980-Centro

Nacional de Referência Cultural), Cacá Diegues dá um Bye Bye Brazil em 1979, a massa crescente da Globo e atual revolução em marcha da cidadania chegando a grupos de periferia que fazem da arte expressão de suas vidas como o pessoal do Hip-Hop os inúmeros canais, rádios comunitárias, jornais e revistas de bairros, montagens, oficinas e exposições em favelas e sítios rurais com a facilidade de acesso a novas tecnologias de registro e edição de sons e imagens.

Tudo isto radicalizado neste “reinventor de brasis”, mais contemporâneo, que é Darcy Ribeiro e sua obra apaixonada. O Rosa de 1956, com seu Grande Sertão, merece ser revisto, relido e reintronizado nesse processo permanente de fundação desta nação complexa onde o sertão não é um vazio. Rosa via o sertão em “toda parte”, e até o nosso JK se referia a esta região como “um ermo”, em respeito às tribos aqui habitantes e povos desaparecidos (pesquisa de Paulo Bertran comorova). É o claro enigma do país em constante descoberta. A todo tempo ir e vir no trânsito do exterior para o interior e vice versa e versa vice.

Fotos Exposição Guimarães Rosa - Museu da Língua Portuguesa



Sonhos e desejos para um 2007 melhor

O que você deseja, no plano pessoal e profissional, para 2007? Imbuída pelo espírito de Natal e de confraternização diante da passagem do ano que se vai e entrada do que chega, a REVISTA DO SINDJUS foi até os tribunais e órgãos do Distrito Federal ouvir de perto os servidores do Judiciário e do MPU, às voltas com a implementação dos seus Planos de Cargos e Salários (PCSs)

- uma conquista que representa luta histórica e que trará esperança de maior valorização, mais estímulo aos que se esforçam por realizar um bom trabalho e melhoria de remuneração salarial.

Mas não é só esse o desejo destas pessoas. Assim como a maioria dos brasileiros, elas demonstraram os mais diversos tipos de anseio: por maior crescimento profissional e educacional, maior reco-

nhecimento e, inclusive, que sejam criadas condições para a prestação de um bom serviço jurisdicional, como forma de se mudar – de uma vez por todas – a visão negativa que a sociedade tem em relação ao servidor público no país.

Não ficaram de fora dessa lista, é verdade, desejos pessoais, que se configuram em realizações importantes para o desenvolvimento de um bom trabalho por parte destes

profissionais, dentre os quais se destacam desejos como a resolução de pendências financeiras, a realização, em 2007, da viagem dos sonhos, a tão sonhada casa própria e, como todos nós merecemos, também mais paz e harmonia para todos – por e para um Brasil melhor, enfim. Abaixo, o resultado da enquete e o desejo do sindicato de que todos estes planos sejam realizados com sucesso.



Maria Ilene Bispo de Oliveira, técnica administrativa do MPDFT

Um dos maiores sonhos é ver, na condição de funcionária, a categoria valorizada. Sentir a valorização do servidor. E não falo só em termos financeiros não, mas também em relação ao agradecimento, ao fato de cada órgão passar a dar mais valor aos seus servidores. No plano pessoal, seria bom trabalhar em 2007 num ambiente em que todo mundo se relacionasse bem. Sonho, ainda, com tudo de bom: quero paz, saúde, amor, tranquilidade e harmonia.



Sandra Suely de Jesus Bastos da Silva, técnica judiciária do TRT-10ª. Região

Pretendo iniciar o curso de Direito, que vai me ajudar a ter mais facilidade de ascensão profissional no tribunal onde trabalho e concluir o programa de controle patrimonial do TRT que foi iniciado por mim e com o qual estou envolvida. No âmbito pessoal, neste ano de 2007 pretendo comprar minha casa própria.



Dominique Ferreira, técnica judiciária do TST

No plano profissional, pretendo trabalhar para melhorar a questão da saúde do meu tribunal, que recentemente trocou o plano de saúde para o atendimento por uma empresa de gestão num procedimento aleatório, que fez com que vários servidores da carreira se sentissem prejudicados e desrespeitados. Pretendo integrar o debate das pessoas que querem discutir esse assunto dentro do TST. Na área pessoal, pretendo prestar um novo concurso público em 2007. Desta vez, para o MPU.



Ramatiz Soares, técnico judiciário do TRE

No âmbito pessoal, pretendo concluir minha pós-graduação em Direito Penal e Processo Penal com docência para magistério superior, para começar a dar aulas. Outro anseio é a aprovação em concurso para a magistratura ou para o Ministério Público. Em relação ao meu tribunal, que na minha concepção valoriza bem os servidores, espero que essa valorização prossiga em 2007 e que o órgão continue nos proporcionando mecanismos que permitam o desencadeamento de nossas atividades da melhor forma possível.



Luiz Antonio de Alcântara, técnico judiciário do TRE

Em primeiro lugar, gostaria de ver maior valorização do servidor de um modo geral em termos de capacitação e investimento por parte dos órgãos do Judiciário e MPU, sobretudo, para que os servidores de carreira possam ocupar mais cargos de chefia nos tribunais. No âmbito pessoal, pretendo fazer uma boa viagem em 2007, que me permita descansar deste ano de eleições, que foi muito gratificante, mas ao mesmo tempo muito puxado para todos os que trabalham na Justiça Eleitoral.



Maria Regina da Silva Nascimento, técnica judiciária do TST

Estou cursando Direito e tenho como meta continuar o curso até sua conclusão. Também pretendo comprar minha casa em 2007. Em relação ao trabalho, desejo que continue o clima de confraternização e amizade observado no meu local de trabalho, onde estou há dez anos. Nós nos consideramos uma grande família no tribunal e esse sentimento é que desejo que perdure durante todo o ano que se inicia.



José Evaldo Gomes Vilela, técnico do MPU

Tendo em vista as circunstâncias atuais, meu sonho é ver a carreira mais prestigiada, os servidores tendo vez e voz, no sentido de que nossa opinião passe a ser ouvida e a fazer a diferença no trabalho que desenvolvemos. Além disso, pretendo, em 2007, contribuir ainda mais para o conjunto de atividades em que trabalho.



Célia Cardoso de Araújo, técnica judiciária do TJDF

Pretendo ser mais reconhecida profissionalmente em 2007 e que nós, servidores, passemos a ter mais qualidade de vida no trabalho. No campo pessoal, espero que haja menos violência no Brasil e no mundo.



Cláudia de Almeida Andrade, técnica judiciária do TJDF

Desejo me centrar mais para estudar e ser aprovada num novo concurso no qual eu consiga uma melhor colocação profissional. No campo pessoal, desejo paz, saúde e harmonia para todos, que nunca são demais.



Marcelo Buarque de Araújo da Silva, técnico judiciário do TRE

A expectativa em relação a 2007 é muito boa, ainda mais no clima de harmonia entre os colegas do tribunal em que trabalho. Espero que no trabalho, continuemos mostrando eficiência e qualidade no cumprimento de nossa missão institucional e contribuindo para a sociedade como um todo.



Raimunda Maria Sá Lima, técnica judiciária do STJ

Desejo continuar com bastante saúde em 2007 e que o país comece, realmente, a melhorar, acabando com as situações constantemente observadas de impunidade, corrupção e violência. No âmbito profissional, quero continuar executando meu trabalho de forma boa e crescer cada vez mais.



João Bernardes Neto, analista judiciário do STM

No âmbito profissional, espero neste ano de 2007 ajudar o tribunal onde trabalho na questão da melhoria da qualidade de vida dos servidores. No plano pessoal, pretendo programar um doutorado e me preparar para um novo concurso, neste ano que se inicia.

Aids ainda é um risco – depoimentos de luta e coragem

Daniel Campos

Será que vou assistir a passagem do ano 2000? Será que vou ver a próxima Copa do Mundo? Será que vou conseguir jogar futebol com o meu filho? No dia 19 de dezembro de 1990, diante de um exame com a inscrição, em negrito, 'HIV positivo', todas essas perguntas passaram pela minha cabeça. Desde então, minha vida se transformou em uma grande incerteza".

O depoimento acima é de Gustavo, 36 anos, vascaíno, advogado, funcionário público e um dos 39,5 milhões de habitantes com Aids espalhados por todo o mundo (segundo relatório de 2006 da ONU). Vinte e cinco anos depois de seu surgimento, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, mais conhecida pela sigla de seu nome em inglês – Aids – ou pela abreviatura do nome do vírus – HIV –, continua fazendo muitas vítimas.

No início dos anos 90, o Brasil se redemocratizava e Gustavo entendia na pele uma frase de Cazuza, uma das personalidades públicas atingidas pelo HIV: a cara da morte está viva. A vida de Gustavo mudou depois do carnaval de 1990. "Foi o melhor e o pior carnaval

da minha vida". Gustavo foi para o Nordeste passar uma semana na casa de alguns primos. Uma semana de muita folia, regada à bebida e sexo. O descuido foi tamanho que ele, até hoje, não se lembra o nome de quem lhe transmitiu a doença. "Não dá para calcular o preço que essa negligência me custou".

Quando soube da notícia, por um exame de sangue de rotina, Gustavo ficou atordoado. "Pensei que a Aids era uma coisa distante, que nunca ia acontecer comigo". No pior momento da doença, chegou a pesar 39 quilos. Hoje, pesa 73. "Chega um momento que você acha que é o fim, que tudo acabou". Gustavo se internou em diversas clínicas, ganhou o apoio de parte da família e começou tratamento químico e psicológico. "Foi muito difícil, mas a cada novo dia eu nascia de novo. Pouco a pouco, fui ganhando esperança. Esperança de viver".

OS TRÊS CHOQUES

Gustavo passou por três grandes choques ao longo desses quinze anos. O primeiro deles foi quando soube que era soropositivo. O segundo, foi quando chegou do trabalho e assistiu na televisão uma peça publicitária do ministério da Saúde. "Lembro como

se fosse hoje daquele sujeito dizendo "tenho Aids e não tenho cura". Gustavo se refere a uma propaganda do governo Collor que tentava combater a doença por meio do impacto. Mas e quem já tinha o HIV, como ficava?

O terceiro foi quando, quase três meses depois, sem suportar a pressão, contou para a família. "Minha namorada, que havia ganhado um filho meu há poucos meses, desmaiou. Meu pai silenciou-se e saiu da sala. Os olhos da minha mãe se encheram de água

e ela apenas me abraçou. Foi o melhor abraço da minha vida. Ali eu vi que não estava sozinho." Começava uma caminhada que lhe traria muitos prejuízos e um simples, mas grandioso, motivo para comemorar. O

fato de estar vivo.

Em tempos em que a Aids causa prejuízos ao crescimento econômico, custando mais de um milhão de empregos ao ano, segundo relatório da OIT, Gustavo leva uma vida aparentemente normal, mora com a mulher e com o filho de 16 anos, trabalha de segunda a sexta, tem carro, joga futebol aos sábados, vai, religiosamente, todos os domingos, a uma pizzaria... mas poucas pessoas conhecem o seu drama.

"Prefiro esconder, sei que é covardia, mas já vi muita gente sofrendo preconceito. O Brasil tem muito preconceito. E preconceito velado. Preconceito contra os negros, contra os pobres, contra os homossexuais... e preconceito contra os soropositivos. É difícil. No início, quando me abria mais, perdi a convivência com algumas pessoas que se diziam amigas, algumas namoradas que me juraram amor eterno, alguns parentes que sempre demonstraram algum afeto por mim... Pode parecer besteira, mas machuca".

Machucado por tantas "perdas" afetivas em razão da Aids, Gustavo resolveu se preservar. "Infelizmente, hoje confio a minha vida a pouquíssimas pessoas." Per-

guntei se ele não sofria ainda mais se escondendo. "Há três meses, um amigo, que é produtor de televisão, me convidou para gravar uma vinheta falando sobre Aids, mas não aceitei. Embora não tenha vergonha de ser soropositivo, não quero ser apontado na rua, não quero ser motivo de piadinhas no trabalho, não quero que meu filho seja prejudicado, enfim, não quero ter prejuízos morais ou financeiros por conta de algo que só diz respeito a mim". Certo ou errado, essa é a posição de quem já enfrentou o pior do preconceito.

"TODOS SÃO MORTAIS"

Preconceito que Herbert de Souza, o Betinho, já denunciava no início dos anos 90. Em um de seus artigos, Betinho diz que a Aids também é marcada por várias outras questões, como o racismo. "Quando o vírus foi descoberto, logo se buscou o culpado, e o culpado era o negro africano, a Aids teria vindo do Haiti. Depois se descobriu que mais americanos iam ao Haiti que haitianos aos EUA, logo se abandonou em parte essa idéia. Nela, o culpado era a África, os africanos teriam sido contaminados, através de suas relações com o macaco, passando esse vírus para o resto da humanidade. O racismo ensaiou seus passos na questão da Aids, resistiu por uns três anos, e só recentemente, com o fracasso de todas as teorias que tentaram explicar a Aids como resultado dos 'seres inferiores africanos', essa tese caiu por terra. A Aids vinha dizer assim: 'Convençam-se de que todos são mortais'. E uma nova doença voltou a revelar para o século XX que a morte é absolutamente inevitável".

Ao longo desses 25 anos, a Aids se popularizou, ganhou as rodas de conversa, virou tema de novela e fez vítimas famosas, como Betinho, Renato Russo e Cazuza. Mas mesmo com essa "popularização" o cenário enfrentado por Gustavo e as 620 mil pessoas que vivem com HIV no Brasil, um terço do total de infectados da América Latina, não é o ideal. Embora o acesso gratuito aos remédios, campanhas educativas e a distribuição de camisinhas tenham reduzido o impacto da epidemia no Brasil, o preconceito ainda colabora para o surgimento de 33 mil novos casos por ano no Brasil.

Depois de viver muitos dias de luta para vencer a doença, o que passa pela cabeça de Gustavo naquele 1º de dezembro, dia mundial de luta contra a Aids? Ele me confessa, longe dos laços que tremulam ao vento em balões vermelhos nas proximidades do Congresso Nacional, que se sente alegre e triste ao mesmo tempo. Alegre porque tem a esperança de se curar por meio dos avanços científicos, como a vacina que começa a ser testada em 2007 na França, e por ter conseguido realizar alguns sonhos, como o de ver o Brasil ser campeão em duas copas do Mundo, ter jogado futebol com seu filho e ter comemorado a virada do século.

Mas ao mesmo tempo, sente-se apreensivo, triste... "É difícil saber que a Aids já fez 15 milhões de órfãos em todo o mundo e que a cada dia 11 mil pessoas são contaminadas pelo vírus e vão ter que passar por tudo o que já passei... o mais difícil é saber que anos e anos se passam e ela continua assustando. E assustando muito".

No pior momento da doença, chegou a pesar 39 quilos. Hoje, pesa 73. "Chega um momento que você acha que é o fim, que tudo acabou". Gustavo se internou em diversas clínicas, ganhou o apoio de parte da família e começou tratamento químico e psicológico.

Novos delegados do Sindjus reafirmam a força de representação da categoria

que luta pelas nossas causas. Foi a luta que travamos e o fato de termos acreditado em nós mesmos o que nos fez ver aprovado um projeto importante como o PCS”, afirmou, ao se referir aos PCSs do Judiciário e do MPU.

O coordenador geral lembrou de várias conquistas ao longo do ano, como o fato de os servidores estarem, atualmente, mais próximos da incorporação dos quintos, - “que falta bem pouco para conseguirmos”, disse - de terem obtido o reenquadramento das pessoas que entraram

na carreira a partir de janeiro de 1997 e, também, a gratificação do pessoal que atua na área psicossocial dos tribunais, entre outras vitórias. “Com certeza temos muito a comemorar”, acentuou.

Como forma de reconhecimento ao trabalho de todos os delegados, Policarpo entregou uma placa ao delegado sindical Tininho, representante do TJDF em Taguatinga e reeleito para o cargo, que foi recebida em meio aos aplausos dos colegas “Queremos e temos de tratar, daqui por diante, das outras questões dos compa-

nheiros de trabalho. Parabenzamos a todos e destacamos o empenho dos delegados, principalmente nos períodos de greve”, frisou o coordenador, completando: “Vamos fazer a categoria sonhar mais e, mais do que nunca, trabalhar sempre para fazer o nosso sonho se tornar realidade”.

TODOS UNS LUTADORES

Sheila Tinoco, coordenadora de Comunicação, Cultura e Lazer do Sindjus, que já foi delegada sindical, contou que ficou emocionada com a cerimônia. “Estivemos juntos e te-

nho certeza que os servidores do Judiciário e do MPU possuem a maior sensibilidade em relação à defesa das causas da categoria. Muitas pessoas daqui são colegas do meu tempo que continuam atuando como delegados sindicais. São todos uns lutadores. Temos sentido que os delegados têm fortalecido cada vez mais as questões do servidor público e é gratificante para nós ver que esse é um sindicato que constrói uma verdadeira justiça social”, afirmou.

Também a representante da CUT no DF, Rejane Pitanga,



A cerimônia foi prestigiada por vários servidores do Judiciário e do MPU



Tininho, do TJDF em Taguatinga e reeleito, foi homenageado em nome de todos os delegados



Os novos delegados do Sindjus, empossados no último dia 19 de dezembro



Vera Rodrigues, do TJDF, também deixou clara a empolgação para iniciar as atividades de delegada

Para um sindicato atuante e que faz questão de ouvir as reivindicações dos seus associados, nada mais importante que o papel dos delegados sindicais. Foi essa a mensagem que o Sindjus procurou passar no último dia 19, durante a cerimônia de posse dos 82 delegados recém eleitos, que assumem com a missão de representar a entidade nos seus locais de trabalho até maio de 2008.

A cerimônia de posse, na Casa de Itália, foi realizada dentro de um clima de confraternização e harmonia onde imperou o destaque ao papel

dos delegados. Logo na abertura, a coordenadora de relações sindicais do Sindjus, Eliane Alves, falou sobre o prazer da diretoria em empossar pessoas que se propõem a trabalhar com o sindicato e ajudar a entidade nas realizações em defesa dos interesses dos servidores do Judiciário e do MPU. “A função de delegado exige esforço, dedicação e paciência. Muita coisa que chega até nós, vem por intermédio de vocês, motivo pelo qual é imprescindível a atuação e o apoio de todos os delegados”, enfatizou a coordenadora.

O coordenador-geral do

Sindjus, Roberto Policarpo, afirmou que os novos delegados são as pessoas que vão passar a mensagem do Sindjus junto aos demais servidores. Policarpo agradeceu aos que deixaram a função com o término dos seus mandatos e deixou claro que o sindicato sabe da importância de todos eles, “pessoas que colocam seus nomes à disposição para representar a entidade e fazer o elo com os servidores”, conforme assegurou.

O coordenador-geral ressaltou, ainda, que o Sindjus tem atuado dentro da visão de evitar ficar apenas no campo eco-

nômico - das questões salariais da categoria propriamente – e procurado participar de todas as discussões que englobam os trabalhadores. Segundo ele, o sindicato pretende aprofundar cada vez mais esse debate, assim como suas parcerias (sobretudo com a CUT/DF) - missão que deve realizar com a ajuda dos delegados.

Policarpo também destacou as lutas empreendidas pelo Sindjus neste ano de 2006 e as várias vitórias obtidas. “Tivemos um ano bastante difícil, mas que ficou muito mais fácil por causa de vocês, essa categoria que acredita e

que compôs a mesa da solenidade, saudou os novos delegados e elogiou a atuação do Sindjus e o trabalho que vem sendo realizado. “O delegado sindical tem papel importante na organização da categoria. Vocês são o sindicato dentro dos locais onde trabalham”, frisou.

Rejane destacou que acompanha o Sindjus há anos, saudou a luta pelo PCS e a conquista de vê-lo sancionado e ressaltou que o sindicato é um instrumento fundamental para os trabalhadores. A dirigente da central também

levantou questões que têm sido discutidas na CUT, relativas às mudanças observadas ao mundo do trabalho. Um pensamento que tem sido acompanhado de perto pelo Sindjus.

“Precisamos e temos avançado nas adaptações a essas mudanças, atuando no sentido de pensar mais o papel da sociedade, vendo os trabalhadores como seres integrais. Neste sentido, temos discutido desde formas preventivas de danos à saúde ocupacional aos casos de assédio moral, violência contra a mulher e, até mesmo, formas

de se repensar a questão da legislação, uma vez que os servidores públicos não possuem nada que regule a questão da saúde do servidor, por exemplo. Os delegados têm um desafio muito grande que é o de pensar a sociedade com todas estas questões que afetam a sua categoria”, concluiu.

Imbuídos deste espírito, não foram poucos os delegados que já saíram da cerimônia estimulados a iniciar o trabalho nos seus órgãos e tribunais. Uma delas foi Maria Alice, do STJ, que se prepara para discutir no seu

tribunal a questão da saúde no ambiente de trabalho. “Acho o papel do delegado fundamental”, enfatizou.

Da mesma forma, Vera Rodrigues, do TJDF, e Irani Ramos, do MPDFT, deixaram clara a empolgação para iniciar as atividades de delegados o quanto antes, procurando ouvir os anseios, reivindicações e problemas dos servidores dos seus locais de trabalho. “Nossa responsabilidade é grande, porque somos nós que levaremos aos sindicatos as opiniões da base dos servidores”, destacou Irani.

EM MARÇO VAMOS PENSAR BEM PARA AGIR MUITO MELHOR

Os servidores do Judiciário e do MPU têm um grande encontro marcado para março e o Sindjus DF já garantiu sua participação. Trata-se do 6º Congresso Nacional da Fenajufe, principal evento da categoria, que acontece a cada três anos e reúne servidores de todo o país. Desta vez, será realizado em Gramado, Rio Grande do Sul, no período entre 28 de março e 1º de abril.

O congresso tem por objetivo discutir a conjuntura nacional e internacional, avaliar a atual gestão da Fenajufe e traçar novos rumos para a luta dos servidores do Judiciário Federal e do MPU. Além disso, vai também revisar o estatuto e eleger a nova diretoria executiva e o conselho fiscal para a gestão 2007/2010.

Para isso, o Sindjus deverá convocar uma assembléia que elegerá os delegados, observadores e suplentes para participar do evento – a ser realizada em fevereiro. O congresso também abrirá espaço para apresentação de teses relativas aos temas da pauta. Caso você esteja interessado, não perca tempo. Procure já o sindicato.



A PAUTA DEFINIDA PARA O CONGRESSO:

1. Conjuntura: Nacional e Internacional
2. Plano de Carreira;
3. Balanço da Atuação da Fenajufe e Prestação de Contas de maio de 2006 a fevereiro de 2007
4. Alterações Estatutárias e Regimento Eleitoral;
5. Plano de Lutas
6. Eleição da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal
7. Moções.

PARTICIPE DO 6º CONGREJUPE